

Opinião

opinio@rac.com.br

“Estamos diante de um golpe sob o disfarce de interpretações legais supostamente legítimas”

Pedro Pablo Kuczynski, presidente do Peru, acusado de receber propina da Odebrecht, repetindo conhecido discurso.



Eduardo Gama

O Natal dos tristes

Não sei se há mais tristezas ou alegrias na vida. Acredito que nem mesmo os estatísticos norte-americanos conseguiram quantificar a ocorrência delas em uma existência. Penso que, caso fosse possível realizar um levantamento, a alegria sairia vencedora.

Para que essa afirmação não soe como um otimismo barato, daria duas razões para pensar dessa forma: a primeira é que acreditamos que a vida é um paraíso. Qualquer acontecimento que nos desvie da rota da beatitude é visto com desagrado ou irritação. Afinal, não deveria a vida ser maravilhosa?

O segundo motivo é que a alegria é, geralmente, calma e discreta. A tristeza, por sua parte, espalhafatosa. É como uma pessoa vaidosa que não aceita passar em branco e faz tudo para chamar a atenção. A alegria não faz questão de ser notada, mas surge para nos fazer melhores.

Este ano não foi tranquilo para mim. A tristeza mostrou-se na sua forma mais cruel. Era fevereiro e comemorava nove anos de casado. Após a meia-noite, recebemos uma ligação. Meu cunhado, que tinha o mesmo nome que eu e apenas 35 anos, sofrera um acidente. Um amigo, que morava em um sobrado, improvisara uma escada lateral para subir e descer. Meu cunhado escorregou e caiu, batendo a cabeça. Tivemos que sair às pressas de casa e deixar meu filho autista com os avós. Passamos alguns dias até a morte ser decretada e acontecer o enterro.

Na volta, pensávamos encontrar consolo no nosso adorável filho. Contudo, ele que sempre fora uma criança dócil, estava agressivo: arranhava e puxava os nossos cabelos. Com maior ou menor intensidade, o fato se repetiu até julho.

Assim é a vida? Não, assim pode ser.

Trabalhar e realizar as atividades diárias que a vida exige foi uma luta. Imagino que para muitos, outras tristezas mostraram suas garras durante o ano. E o Natal é a festa cristã mais alegre. É a celebração da vinda ao mundo do Messias. Como preparar o coração para esse dom quando o nosso está partido? Se esta-

mos cansados, muito cansados, e não vemos nenhuma estrela-guia no céu?

Não sei. Recordo-me agora de uma cena magistral criada por Dostoievski em “Os irmãos Karamázov”. Um irmão sem fé conversa com outro que a tem. Ivan diz que não pode acreditar em Deus devido ao sofrimento das crianças. Após ouvir todas as queixas do irmão, Aliócha responde: “Só Aquele que sofreu tudo pode explicar tudo”. Com essa afirmação simples, apontava para a única resposta possível ao sofrimento, isto é, o sofrimento de Cristo na Cruz.

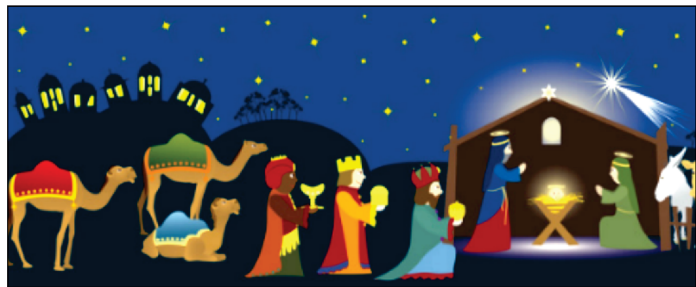
Mas não estamos na Sema-na Santa. Aproxima-se o Natal e a Luz de Deus se faz visível e brilha com uma intensidade inaudita. Jesus veio ao mundo como um bebê. Por que tão indefeso? Porque nada é mais amável que um bebê. Ele não traz nada além de alegria. Uma alegria verdadeira, aquela que São Josemaría Escrivá descrevia desta forma: “a alegria tem as suas raízes em forma de Cruz”.

Como entender bem essa frase tão contrária às nossas expectativas de uma vida leve, agradável e tranquila, como sonhava o Ivan Ilitch, de Tolstói? Acredito que no fato de Jesus ter vindo ao mundo como um bebê. O recém-nascido, como afirmei, traz alegria, mas não como nós a desejamos. Tira-nos o sono, deixa-nos exaustos, chora nos momentos mais inoportunos. Já não podemos mais ir e vir como antes, pois estamos sujeitos a um outro ser.

O bebê é a tradução do amor desinteressado. Um pai de primeira viagem pode reclamar de todos esses sacrifícios, suspirar pelo passado e mergulhar na tristeza. Mas também pode aceitar de braços abertos essa nova vida e aprender a amar de verdade, com todas as implicações que isso sugere.

Apesar de todas as tristezas da vida, viver é belo. Ao menos é o que penso quando agora contemplo esse presépio e ouço a voz dos anjos cantando “Gloria in excelsis Deo”, de Vivaldi. Feliz Natal a todos!

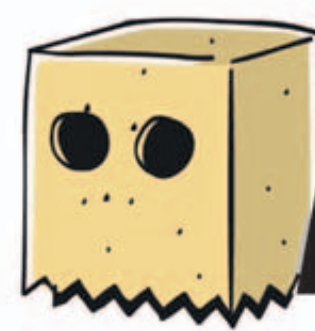
■ ■ ■ Eduardo Gama é professor, membro do IFE-Campinas e da Academia Campineira de Letras e Artes (Acia)



charge

MUDANÇA DE NOME

PMDB



MDB

VERONEZI

COMEMORAÇÃO

DCT da Unicamp, 30 anos

GUSTAVO P. FRAGA

Nas últimas semanas, a mídia campineira tem veiculado tristes notícias sobre a atenção à saúde em nosso município, que associadas a outras no cenário nacional, como a falta de financiamento para o Sistema Único de Saúde (SUS), a superlotação das unidades de emergência dos hospitais, e a abertura descontrolada de novas faculdades de Medicina sem estrutura adequada, apontam para um futuro preocupante. No caminho contrário, existem instituições que, apesar da crise econômica, social e ética, continuam sendo motivo de orgulho para a população de Campinas, como a Unicamp. Embora com apenas 54 anos de criação, e agora completando a formatura de sua 50ª turma de Medicina, a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp tem grande projeção no cenário nacional e internacional. Isso é fruto do trabalho contínuo do seu corpo docente, discente, funcionários e colaboradores.

A área cirúrgica do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp entrou em atividade em 1985, e de início não estava previsto no hospital um setor de emergência. Foi a mobilização da comunidade local na época que fez com que o HC mantivesse o seu Pronto-Socorro funcionando, apesar do difícil acesso dos pacientes à Cidade Universitária nos anos 1980. Difícil também sempre foi o acesso de um vestibulando a uma das vagas do curso de Medicina, sendo que a concorrência esse ano foi de 279 candidatos por vaga.

Uma boa universidade tem que ter foco no ensino, pesquisa (inovações), extensão para a

comunidade e no caso da Medicina, a assistência aos doentes e prevenção de doenças. O prof. Mario Mantovani foi um dos primeiros cirurgiões a ser contratado como docente na Unicamp, criando a Disciplina de Cirurgia do Trauma (DCT) em 1987. O professor teve a competência de reunir um grupo de cirurgiões que dedicavam-se ao tratamento dos doentes com urgências cirúrgicas traumáticas e não traumáticas no HC Unicamp, e ao ensino de alunos de graduação e residentes. Na década de 90 havia parceria com o Corpo de Bombeiros, que participava do ensino de primeiros socorros aos alunos, em 1992 foi implantado um núcleo de treinamento do curso ATLS para médicos e em 1995, com a criação do Samu Campinas, muito foi realizado para melhorias do atendimento pré-hospitalar e integração com os hospitais.

Um dos maiores legados da DCT foi a criação da Liga do Trauma da Unicamp em 1992, a primeira liga acadêmica da FCM - Unicamp e a primeira de trauma do país, com uma inserção precoce supervisionada dos alunos no pronto-socorro. Esse pioneirismo foi coroado com a primeira edição do Congresso Brasileiro das Ligas do Trauma (CoLT) na Unicamp, em 1999, retornando para Cam-

pinas em 2008 e 2017. Atualmente existem mais de 100 ligas de trauma no Brasil e em outros países, inclusive nos EUA.

O atendimento ao doente traumatizado (sim, trauma é uma doença que tem prevenção!) é multiprofissional e com trabalho integrado entre as equipes. Em Campinas sempre trabalhamos para isso e, no início dos anos 2000, alunos da DCT da FCM - Unicamp estagiavam no Hospital Municipal Dr. Mário Gatti e no Samu Campinas. Aqui cabe agradecer ao Dr. José Roberto Hansen, que em 2009 passou a receber todos os sexto anistas da FCM - Unicamp no Samu.

Nesse mesmo período a disciplina já promovia a internacionalização, sendo que nos últimos treze anos 40 professores estrangeiros desenvolveram atividades de ensino na DCT. A utilização da telemedicina a partir de 2010, com discussão semanal de casos com cirurgiões de vários países, aumentou a exposição da equipe. Ainda em 2010, o HC Unicamp fechou parceria com o resgate aéreo, o Águia, sendo que até hoje 95% dos traumatizados são transferidos para os cuidados da DCT.

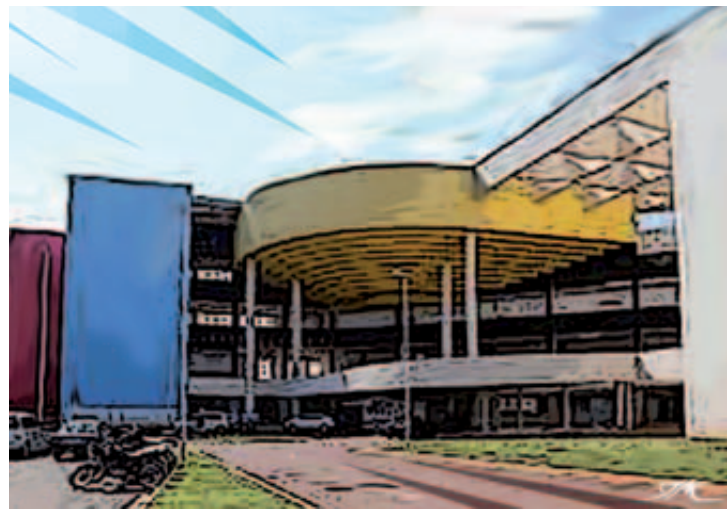
A maior demanda de traumatizados fez com que o HC Unicamp inaugurasse a UTI do

Trauma em 2011, melhorando os resultados na assistência. A DCT também passou a se preocupar mais com prevenção, e a criação do projeto P.A.R.T.Y. (Prevenção do Trauma relacionado ao Alcool na Juventude), em parceria com a Prefeitura, Emdec, polícia, Samu, e outros, passou a levar jovens do Ensino Médio até o HC para conhecerem a doença trauma e como preveni-la. Depois vieram o Salvando Vidas, simulados de atendimento, Maio Amarelo, e outros programas de prevenção.

Na área de educação, a DCT organiza cursos e congressos, participa do maior evento médico bianual da região, o Inter-gastro e Trauma, que em 2017 foi em conjunto com o 4th World Society of Emergency Surgery Congress, com 43 palestrantes estrangeiros em Campinas.

O reconhecimento e valorização das equipes de enfermagem, fisioterapia, nutrição, assistência social e outras, é uma das características da DCT. Fazemos isso diariamente para poder tratar bem e salvar os pacientes que nos procuram e são encaminhados de uma região com 4 milhões de pessoas. Neste ano estamos comemorando 30 anos e reuniremos muitos dos nossos 55 médicos ex-residentes, que atuam em diferentes estados do país. A equipe da DCT nunca pára, mesmo nas festas de fim de ano, pois estamos sempre de plantão para melhor atender a população de modo humanizado, pelo SUS, sempre com votos de que no futuro teremos um Brasil melhor. E a nova geração de cirurgiões do trauma da DCT Unicamp está sendo bem preparada para que isso aconteça.

■ ■ ■ Prof. Dr. Gustavo P. Fraga é professor associado do Departamento de Cirurgia e Coordenador da Disciplina de Cirurgia do Trauma da FCM - Unicamp



EDUCAÇÃO

Era digital requer ousadia

RENATO NALINI



O mergulho na era digital é irreversível. Quem não se aperceber disso perecerá. Ou ficará à margem, o que não é destino melhor. Investir em comunicação digital é uma urgência para todos. As escolas precisariam rever seu conteúdo a cada semestre, senão com periodicida-

de ainda mais reduzida. As salas de aula precisam se transformar. Se é difícil em escala fazer readequação física e de equipamentos, ao menos a mentalidade pode ser transformada. Depende da vontade de todos os interessados.

Protagonismo, iniciativa, criatividade e empreendedorismo são palavras de ordem. De acordo com a pesquisa Carreira dos Sonhos 2017, realizada pela Companhia de Talentos, a maior preocupação dos jovens

é a desvinculação entre a formação escolar e a realidade do mundo do trabalho.

Como replicar em sala de aula o ambiente que o mercado requer? Os projetos precisam ser interdisciplinares e os alunos precisam trabalhar diferentes habilidades exigidas pelo mercado. Se a urgência é formar empreendedores, não empregados, é necessário entender como os brasileiros pensam e o que querem. Quais os problemas concretos, às vezes

triviais, que enfrentam e não conseguem resolver. Por isso o aluno tem de ser treinado a encontrar soluções, a tomar decisões, a desenvolver habilidades fundamentais para quem precisará exercer uma atividade, mas não encontrará o mundo do emprego como existiu até há pouco.

Pensar em atuar junto às redes sociais, a relação entre meios on e off line, construção de aplicativos, compra de mídia, estratégia com influenciadores, gestão e monitoramento de canais é uma das possibilidades. Assim como a análise de dados, conhecendo estratégias de aplicação de métricas para otimizar ações. Planejar a mensuração, analisar, identificar pa-

drões e gerar recomendações. Atuar em gamificação, mediante utilização dos jogos como meios de comunicação, e sua aplicação em inúmeros setores, fora do contexto do entretenimento.

Para isso já existem cursos de tecnologia em jogos digitais, oferecidos em 122 instituições de ensino no Brasil, 46 delas em São Paulo. Se em 2010 eram 1.596 os matriculados, em 2015 foram 4.965, ou seja, 211% a mais. É a concretização da integração entre tecnologia e criatividade.

As carências do mercado de trabalho fizeram com que muitas empresas atuassem para o surgimento de cursos "in company", ou seja, programas cus-

tomizados para funcionários de determinado setor. A expertise da escola, e o conhecimento específico para formar uma mão de obra cada vez mais especializada, obrigam a uma constante busca de oferecer à vida real aquilo de que ela necessita.

Por isso é que o uso de mobile em sala de aula, a critério do professor, é um passo importante de inserção da escola na era digital, que requer ousadia e ousadia. Atributos que a imensa maioria da juventude brasileira, especialmente a de São Paulo, tem para usar, dar e para exportar.

■ ■ ■ José Renato Nalini é secretário da Educação do Estado de São Paulo